



GENERAL EUCLYDES FIGUEIREDO

(* 12 Nov 1883 — † 20 Dez 1963)
Indicações para sua biografia militar

Francisco Ruas Santos

Entre os eventos cívicos a comemorar em 1983 está o centenário de nascimento do General Euclýdes Figueiredo. Para tal a Diretoria de Assuntos Culturais, Educação Física e Desportos previu que se reconstituísse seu pensamento militar, com base em seu arquivo pessoal, à semelhança do que foi feito em 1968 relativamente ao Marechal Castello Branco¹. Coube-me a tarefa e este artigo é uma primeira tentativa de equacioná-la, ao mesmo tempo que se relembra a figura de um dos fundadores desta Revista.

O trabalho a realizar é de História Militar Terrestre e, assim, deve basear-se na Diretriz do Estado-Maior do Exército para as atividades do Exército no campo da História². Interpretando esse documento segundo seus objetivos e atividades previstas, posso sinteti-

zá-lo dizendo que orienta os esforços, no âmbito militar terrestre, para o desenvolvimento do Exército. Mas, no tocante ao apoio à produção cultural, inclusive a destinada aos meios de comunicação social, a Diretriz é muito mais ampla, ainda que ressaltando que esse apoio se faça de acordo com os interesses do Exército. Por outras palavras, no universo das informações históricas, devemos buscar, principalmente, as de interesse para o desenvolvimento da doutrina da Força Terrestre, a formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa e o fortalecimento do moral e do espírito de corpo do Exército.

Essas informações históricas estão contidas em fontes, por isso mesmo denominadas *fontes históricas*. O primeiro trabalho a realizar é, então, o de levantamento dessas fontes.

Tanto para realizá-lo, quanto para atender aos objetivos das atividades do Exército no campo da História, devemos delinear primeiro o perfil do biografado, se a biografia for a outra tarefa em causa.

O PERFIL DO GENERAL EUCLYDES FIGUEIREDO

A vida do General Euclides Figueiredo decompõe-se em dois quadros bem distintos: o militar e o civil.

Descreve-os, resumidamente, o historiador Vamireh Chacon na introdução ao livro de sua autoria *Euclides Figueiredo*, nº 23 da série "Perfis parlamentares", editado pela Câmara dos Deputados em 1982, no qual são estampados discursos parlamentares do general.

Aí uma das fontes das quais devem ser extraídas informações relacionadas com seu pensamento militar. Outras devem ser pesquisadas nas fontes relativas à sua vida militar, assim resumida: aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, na condição de filho órfão de veterano da guerra da Tríplice Aliança³; verificou praça em 17 de março de 1902 na Escola Militar do Realengo; alferes-aluno em 3 de março de 1904; 2º tenente de Cavalaria em 10 de janeiro de 1907; 1º tenente em 3 de abril de 1912; capitão em 12 de março de 1919; major em 7 de setembro de 1922; tenente-coronel em 5 de novembro de 1924; e coronel em 23 de junho de 1927.

Conquistou essas três últimas promoções por merecimento e foi por este critério que se viu selecionado para um estágio de dois anos

num regimento de cavalaria em Ohlau, Prússia Oriental, Alemanha, em 1911; de volta ao Brasil, é um dos fundadores de *A Defesa Nacional*⁴; participa da campanha do Contestado em 1914; contribui para o Tratado de Pedras Altas que pôs fim à revolução de 1923 no Rio Grande do Sul; comanda a 2ª Divisão de Cavalaria, em Santa Ana, quando se recusa a participar da revolução de 1930 e é preso; torna-se o chefe militar da revolução de 1932 em São Paulo, ao assumir o comando da 2ª Região Militar; exilado e preso, é anistiado pela segunda vez, e feito reverter ao Exército pelo Presidente Dútra, no posto de general, em 1946.

OUTRAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICO-MILITARES JÁ PUBLICADAS

Destacamos: a série de artigos que Euclides Figueiredo publicou em *A Defesa Nacional*⁵, entre 1914 e 1954; os artigos comentando a guerra mundial de 1939 a 1945, que sob o pseudônimo "Um Observador Militar", mandava, clandestinamente, da prisão, para *O Jornal* e o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro; e o livro *Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932*⁶.

Já fiz uma primeira análise daquela série, assim resumida segundo títulos e anos de publicação dos artigos:

Caderneta de reconhecimento (1914)

Sobre a missão do comandante de patrulha de cavalaria, o que e

como este deve comunicar, com exemplos práticos e erros a evitar.

Dressagem do cavalo de tropa segundo o método alemão (1915)

Ginástica necessária ao cavalo, o qual deve aprender a obedecer às ajudas da perna e do assento do cavaleiro.

Escola de Cavalaria (1915)

Assinala que o regulamento para a instrução, de 1909, produziu grandes modificações na vida castrense, definindo uma transição do Exército antigo para o moderno ou profissional; e sugere projeto de regulamento para uma Escola de Cavalaria, onde se preparariam os instrutores dessa arma, pois isso não é possível fazer nos corpos de tropa.

Um exame de esquadrão na Alemanha (1916)

Transcrição de registro no seu livro de anotações quando estagiava no Exército Alemão, dia 15 de maio de 1912.

Raid Hípico Militar (1916)

Sobre os requisitos desejáveis ao reide.

Os Corpos de Trem (1918)

Propõe a organização de um quadro de oficiais de trem.

O 5º Esquadrão (1918)

Propõe a organização desse esquadrão, no quadro da progressiva modernização da Cavalaria.

Exploração — Reconhecimento — Descoberta — Waxl — Esclarecimento (1918, juntamente com o Tenente Capitão Lima Mendes)

Manifesta seu otimismo relativamente às leituras que os militares brasileiros já estão fazendo sobre temas profissionais, e defende a necessidade de conceituação precisa desses termos.

O Regulamento de Equitação (1918 e 1919)

Enfatiza a necessidade de uma boa instrução do recruta, erros de método e modo de corrigi-los.

Exercícios de Esquadrão (1919 e 1920)

Preconiza a necessidade de um novo regulamento para os exercícios de Cavalaria. Explicação pessoal sobre o artigo anterior.

Escola de Pelotão de Cavalaria (1920)

Programa de instrução para os pelotões do esquadrão de cavalaria da Escola Militar.

Escola de Cavalaria (1929)

Idéias com vistas à criação de uma Escola de Cavalaria.

Nesses artigos ressalta a figura de cavalariano notável que foi o General Euclides Figueiredo, atuando em prol de sua arma no período 1913-1929, quer no sentido de seu aprimoramento profissional, quer no de melhorar sua organização para o combate.

Segundo as mesmas linhas estão seus artigos *O Problema da Remonta* (1919 e 1954).

Em 1953, voltaria às páginas de *A Defesa Nacional*, com o artigo *Doutrina de Guerra*, na qual faz comentários sobre a manobra alemã na França, em 1914.

A lista de sua colaboração nessa revista se completa com os artigos *Direitos fundamentais dos militares* (1948) e *General Alipio da Fontoura Costallat* (1954).

O PENSAMENTO MILITAR DE EUCLIDES FIGUEIREDO RELATIVAMENTE À DIRETRIZ DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO PARA AS ATIVIDADES NO CAMPO DA HISTÓRIA

Será agora imprescindível que se pesquise quanto aos possíveis resultados do pensamento militar doutrinário de Euclides Figueiredo relativamente ao progresso de sua arma. Depoimentos de cavalariários, principalmente, em especial seus contemporâneos, são uma fonte indispensável. Devemos também buscar resultados de sua atuação como instrutor de Cavalaria da Escola Militar do Realengo e comandante dessa arma, como, por exemplo, no 1.º Regimento de Cavalaria — Dragões da Independência e na 2.ª Divisão de Cavalaria.

Assim estaremos levantando subsídios para a "formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa", ainda que se tenha evoluído da Cavalaria a cavalo para a Cavalaria mecanizada, além de servir à preservação e divulgação do "patrimônio histórico-cultural do Exército e suas tradições", tudo como requer aquela Diretriz.

Sem dúvida, os estudos resultantes dessa pesquisa contribuirão para o "entendimento do homem brasileiro" e o da "chefia e liderança", pois ele só será conseguido através da análise, ainda que por amostragem, do fator biográfico através do tempo. E o General Euclides Figueiredo é, sem dúvida, um excelente tipo representativo, muito em particular no que concerne à sua arma e às operações militares.

Muito mais do que isso, que já é muito, está na grande contribuição que sua vida pode dar para "o perfeito entendimento do papel desempenhado pelo Exército ao longo da vida nacional", segundo a linha do *legalismo* e do *liberalismo*, magistralmente seguida pelo General Osório, do qual Euclides Figueiredo é digno continuador.

Finalmente, no que toca às informações para a produção cultural, no cinema e na televisão em particular, estamos em presença de uma vida motivadora. Esta, isso bem mostra e nela se encontra um sólido apoio para essa produção, principalmente se expressa num bom livro.

Notas

1 — *Marechal Castello Branco, seu pensamento militar*, organizado pelo autor, com base no arquivo pessoal do marechal recolhido à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e editado por essa escola em 1968.

2 — Aprovada pela Portaria 073, de 20 Out 1982. Um extrato no nº 708 desta Revista, pág. 108-109.

3 — Funcionário público, trabalhando no Tesouro Nacional, encontramos-lo, com o posto de coronel e o nome João Batista Figueiredo, na chefia da Inten-

dência da Repartição de Fazenda do Exército em campanha sob o comando do Marquês de Caxias, em dezembro de 1867 (cf. Tasso Fragoso, *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai*, vol. V).

4 — As idéias básicas desses fundadores acham-se no editorial do primeiro número desta Revista, de 10 Out 1913; dele tratamos no discurso na reunião comemorativa do 70º aniversário de *A Defesa Nacional* e o fizemos reproduzir,

em facsimile, no 2º volume da *História do Exército Brasileiro*, editada pelo Estado-Maior do Exército em 1972.

5 — Para consultá-los, valer-se da coleção existente na redação dessa revista ou, de preferência, na Biblioteca do Exército, com base no respectivo índice analítico organizado pelo autor deste artigo, com uma das cópias naquela redação.

6 — São Paulo, Livraria Martins, 2ª edição, 1977.



O Coronel R/1 Francisco Ruas Santos, da Arma de Infantaria, é possuidor de todos os cursos do Exército, além do Curso Avançado de Infantaria, realizado em Fort Benning, EUA, e da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. Presidiu a Comissão de História do Exército Brasileiro, do Estado-Maior do Exército, responsável pela edição da História do Exército Brasileiro (1972). Nessa função, idealizou o Centro de Documentação do Exército em 1973. Fundou e dirige o Centro de Informações Culturais, do Rio de Janeiro. Desde 1974 dedica-se ao estudo dos sistemas de informações, tendo publicado o Thesaurus do Sistema de Informações de Transportes (1976-1977) e Informação e Indexação.